

ANOTAÇÕES SOBRE O FUNCIONAMENTO DA INTERDISCURSIVIDADE CULTURAL EM CHARGES POLÍTICAS

Roberto Leiser Baronas¹

RESUMO: Neste artigo, partimos da discussão feita por Possenti sobre o conceito de interdiscurso com o objetivo de compreender o funcionamento da interdiscursividade cultural em charges políticas veiculadas pela mídia impressa brasileira, boliviana e espanhola em 2001, 2005 e 2009, respectivamente. Nas charges analisadas, a marca cultural possui uma força grande na transformação dos atores políticos em alvo de comentários e questionamentos humorísticos, misturando as esferas pública e privada. A marca cultural se constitui em mais um dos dispositivos que regem os múltiplos planos do discurso, isto é, a sua semântica global.

PALAVRAS-CHAVE: interdiscurso, interdiscursividade cultural, charge política.

NOTES ABOUT THE FUNCTION OF THE CULTURAL INTERDISCURSIVITY IN POLITICAL CARTOONS

ABSTRACT: In this paper, starting with discussions by Possenti on the concept of interdiscursivity, we aim to understand the function of the cultural interdiscursivity in political cartoons spread by Brazilian, Bolivian and Spanish printed mass media in 2001, 2005 and 2009, respectively. In the analyzed cartoons, the cultural mark has a strong impact in the transformation of political actors targeted by humorous comments and questions mixing the public and private spheres. The cultural mark constitutes another device among those that rule the multiple plans of discourse, that is, its global semantics.

KEYWORDS: interdiscursivity, cultural interdiscursivity, political cartoons.

¹ Professor no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFSCar, Professor Colaborador no Mestrado em Estudos da Linguagem da UFMT e Pesquisador do CNPq nível 2. email baronas@ufscar.br

Primeiras palavras

Por que um artigo sobre análise discursiva de charges? Em que medida analisar o funcionamento discursivo de charges políticas poderia nos levar a recorrer a categorias centrais da análise do discurso, fazendo-as ranger? A charge interessa-nos pela relação de sentidos que estabelece não só entre o acontecimento histórico e o acontecimento discursivo dado a circular, mas também e, principalmente, pela relação estabelecida entre o discurso e os diferentes tipos de interdiscurso que o sobredeterminam. Questionando-nos sobre a possibilidade de um tratamento discursivo das charges, frente às abordagens pragmáticas e discursivas dialógicas, acreditamos ser possível colocar em prática um dos ensinamentos de Pêcheux, tal como foi lembrado por Maldidier (2003, p. 15): o discurso não é qualquer coisa de empírico da qual se deveria fazer análise, mas é “um lugar teórico onde se encontram intrincadas, literalmente, todas as questões sobre a língua, a história e o sujeito”.

Iniciamos nossa reflexão apresentando o texto *Observações sobre interdiscurso*², publicado no livro *Questões para analistas do discurso*. Nesse texto, partindo da idéia de que não existem questões esgotadas em AD, Possenti discute a noção de interdiscurso fazendo uma reflexão cuidadosa sobre as postulações de Pêcheux, Courtine e Maingueneau. O percurso é mais que esclarecedor: toca em pontos nevrálgicos das definições e permite perceber, a partir da consideração de algumas análises, que é preciso tanto refinar definições, quanto reconhecer com maior propriedade o que ocorre no funcionamento discursivo. As formulações de interdiscurso e pré-construído presentes em *Semântica e Discurso* (1975) de Michel Pêcheux são o ponto de partida de toda reflexão.

Possenti inicia apresentando duas teses de Pêcheux (1975, p. 162), que reproduzimos a seguir:

Toda formação discursiva dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência com relação

2 Parte dessas discussões foi elaborada em conjunto com a colega e Amiga Fernanda Mussalim da Universidade Federal de Uberlândia – UFU a quem agradeço pelo diálogo sempre agradável e produtivo.

ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas...

E continua, afirmando que o autor propõe

chamar interdiscurso a esse “todo complexo com dominante” das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que (...) caracteriza o complexo das formações ideológicas.

Dessas formulações, Possenti destaca a afirmação da dependência da FD em relação ao “todo complexo com dominante”; a caracterização desse todo complexo como interdiscurso; e a insistência em se afirmar que uma FD depende do interdiscurso. Toda essa caracterização apresenta-se a princípio muito aceitável, avalia o autor, mas, à medida que outras categorias vão sendo definidas – como é o caso da noção de pré-construído – começam a aparecer inconsistências. Destacamos, a seguir, a definição que Pêcheux apresenta de pré-construído, tal como citada no artigo por Possenti (2009, p. 155):

O pré-construído “corresponde ao ‘sempre-já-ai’ da interpeleção ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma de universalidade (‘o mundo das coisas’)”.

De acordo com essa noção, os sujeitos falam a partir do já-dito. Entretanto, analisa Possenti, não é exatamente o já-dito que o interdiscurso põe à disposição (ou impõe) aos sujeitos? Só se poderia aceitar a “convivência”, numa mesma teoria, dessas duas definições, em certos aspectos concorrentes, se se compreender ‘universalidade’ como efeito de universalidade para determinada FD, e se assumir que nem todos os pré-construídos estão à disposição (ou são impostos) a cada sujeito, “mas apenas aqueles que ele pode/deve dizer” (POSSENTI, 2009, p. 156).

Nessa perspectiva, o pré-construído não é da ordem do interdiscurso, mas da ordem de cada formação discursiva ou daquelas com as quais cada uma mantém uma relação de aliança (o que fica mais evidente ainda quando os pré-construídos se articulam na forma de discurso transversal). Em outras palavras,

o “todo complexo” põe à disposição um conjunto x de pré-construídos, mas, para cada sujeito, ou para cada “comunidade” de sujeitos (ou, ainda, para cada FD), só são selecionáveis os pré-construídos aceitáveis para essa FD. Dizendo de outro modo, só estão disponíveis, para cada FD, os pré-construídos cujo sentido é evidente para essa FD. (POSSENTI, 2009, p. 156).

Desse modo, para Possenti não parece satisfatório definir de interdiscurso como o todo complexo com o dominante; seria mais pertinente considerá-lo, como o faz Courtine (1981), como o exterior específico que domina uma FD, “seja este exterior a outra FD determinada, ou um conjunto delas, com a qual, ou com as quais, uma relação específica e relevante se mantém” (POSSENTI, 2009, p. 157).

A teoria do interdiscurso exige do estudioso, que se põe a analisar um *corpus*, que analise “um discurso que se confronta com outro (e não com todos os outros)” POSSENTI (2009, p. 159). O trabalho de Courtine (1981) é um bom exemplo disso, e Possenti retoma parte das análises feitas pelo autor francês, a fim de mostrar ao leitor que os enunciados dos comunistas dirigidos aos cristãos estabelecem relações com formulações que se podem descobrir no processo discursivo inerente à formação discursiva que o domina, o que implica, segundo o autor da coletânea, que cada formação discursiva fornece os elementos a serem por ela retomados. Entretanto, a rede interdiscursiva dos enunciados não se limita ao conjunto das formulações pertencentes à FD que domina um discurso, porque essas mesmas formulações “só têm existência discursiva na contradição que as opõe ao conjunto das formulações (...) produzidas em CPs heterogêneas às suas” (POSSENTI, 2009, p. 160). Cada FD, portanto, fornece os elementos a serem retomados por ela, e a outra FD, a antagonista, fornece os elementos a serem recusados. Nessa perspectiva, a forma de incorporação dos pré-construídos e dos já-ditos não é a mesma segundo se trate, em cada caso, de um ou de outro discurso; o mesmo ocorre com o processo de contra-identificação da formação discursiva, que tem a ver com o lugar de onde derivam esses pré-construídos.

Posteriormente, Possenti apresenta as formulações de Dominique Maingueneau em relação ao interdiscurso, mostrando que o analista de discurso francês traz uma contribuição muito relevante para pensar a noção. Maingueneau (2008) postula o primado do interdiscurso, questionando a concepção primária de fechamento estrutural da formação discursiva. Esse movimento acaba por resolver uma série de incongruências presentes nas noções anteriores, visto que a questão não é mais analisar as relações entre diversos “intradiscursos” compactos. O primado do interdiscurso exige que se pense a presença do interdiscurso no coração do intradiscurso. Na análise de Possenti (2009, p. 164), é da radicalidade dessa postulação que decorrerá

o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso, a impossibilidade de dissociar a interação dos discursos do funcionamento intradiscursivo. Essa imbricação do Mesmo e do Outro rouba à coerência semântica das formações discursivas todo o caráter de “essência”, cuja inscrição na história seria acessória; não é dela mesma que a formação discursiva tira o princípio de sua unidade, mas de um conflito regrado.

Essas são algumas das reflexões que Possenti realiza nesse artigo. Além da fina revisão teórica que faz, mostrando que uma tentativa de comparação entre as versões de Pêcheux e Courtine, de um lado, e de Maingueneau, de outro, esbarraria numa espécie de incomensurabilidade, o autor ainda aponta, como já dissemos, para a necessidade de uma melhor especificação sobre a natureza de certos elementos presentes nos discursos, sem falar na interessante contribuição que dá nesse sentido, ao demonstrar, por meio de resultados de análises, que há determinadas construções que parecem pré-construídos, mas não são:

Há construções cujo efeito é idêntico ao do pré-construído, e que, no entanto, não se encontram no interdiscurso. Ou seja, não pertencem, a rigor, a discurso nenhum. A única explicação para seu aparecimento é um dos efeitos da relação polêmica, o simulacro. (POSSENTI, 2009, p. 164)

Se, por um lado, tal como diz Possenti “há construções cujo efeito é idêntico ao do pré-construído, e que, no entanto, não se encontram no interdiscurso. Ou seja, não pertencem, a rigor, a discurso nenhum”, pois são o resultado de um determinado simulacro, defendemos que há outras construções que são da *ordem da cultura*³. Trata-se, na verdade, de um conjunto de saberes cuja memória que os faz dizer não é nem da ordem do acontecimento discursivo, nem da do pré-construído e nem da do simulacro. Entendemos que nesses casos se trata de uma interdiscursividade cultural.

Sobre a noção de interdiscursividade cultural⁴

Em seu trabalho sobre as relações entre a linguagem e os *cartoons*, Riani (2002) nos afirma:

não se pode defender que haja um discurso “puro”, originalmente inédito, mas sim uma reelaboração, uma reconstrução, uma combinação de múltiplos discursos/ idéias, mesmo que a partir de fragmentos desses. Assim, o que torna coerente e pertinente a proposição dialógica de Bakhtin é principalmente o fato, inegável, de que nenhum discurso nasce do nada [...] poderíamos afirmar que essa talvez seja a especialidade do humorista gráfico: a de reinterpretar, de modo perspicaz e irreverente, os inúmeros discursos que nos rodeiam, possibilitando, na maioria das vezes, uma leitura mais ampla e verdadeira dos fatos. (RIANI, p. 49, 2002)

A afirmação de Riani (2002), ancorada na perspectiva dialógica bakhtiniana, atribui ao humorista gráfico a capacidade de “reinterpretar, de modo perspicaz e irreverente” os acontecimentos históricos que nos constituem cotidianamente, “possibilitando, na maioria das vezes, uma leitura mais ampla e verdadeira dos fatos”. No caso do nosso objeto, as charges, seguindo a asserção de Riani (2002), seria o chargista que retoma os acontecimentos históricos e os transforma em acontecimentos discursivos, estes últi-

3 Essa expressão foi utilizada pela Professora Doutora Maria Cristina Leandro Ferreira da UFRGS durante a sua palestra no IV SEAD, realizado em Porto Alegre – RS em novembro de 2009.

4 Parte dessas discussões foi publicada no número 01, volume 02 da Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso e está em linha no endereço www.linguagemememoria.com.br

mos diriam de forma “mais ampla e verdadeira” o que não poderia ser dito em outro gênero, num editorial de jornal, por exemplo. Observamos, contudo, uma charge publicada na Folha de S. Paulo em 12 de maio de 2001.



Numa leitura dialógica dessa charge, tal qual a proposta por Riani (2002), é possível constatar que ela faz inicialmente alusão ao período da crise de energia elétrica pelo qual o Brasil passou em 2001. Esse período foi designado pela grande mídia como “Apagão”. O próprio título da charge é APAGÃO e está materializado inclusive em letras brancas com um fundo preto. No suposto cenário, entendemos que os personagens das charges estão em uma conversa ao ar livre, à luz do dia, no gramado do Congresso Nacional. A charge está dividida em duas imagens dispostas verticalmente. Na primeira, temos FHC caricaturizado, apresentando, entusiasmado, uma placa de energia solar para a jornalista. Assim, o chargista caricaturiza FHC, toma de empréstimo a sua voz e diz supostamente à jornalista: “Esta placa capta energia solar”. Na segunda, é a jornalista que

questiona, apontando a outra placa: “É esta, presidente?” Ele diz: “Energia Parlamentar”, apontando para uma placa completamente tomada por maços de dinheiro. Pela caricaturização da jornalista, podemos apreender que a expressão facial que esta apresenta na primeira imagem é de satisfação, já na segunda imagem a expressão é de susto, de descontentamento. Entendemos que, neste momento, a jornalista está sendo vista na posição de qualquer brasileiro e, não exatamente, no papel de jornalista. Assim, a expressão de decepção ajuda a fazer uma crítica aos parlamentares brasileiros pelo seu caráter facilmente subornável. Essa crítica se constitui na retomada dos discursos que circulam na sociedade brasileira. Teríamos nessa charge do ponto de vista de Riani (2002) uma dupla (re)interpretação de acontecimentos históricos. No primeiro caso, a retomada aos discursos que dizem o Apagão e no segundo, a retomada dos discursos que dizem o caráter corruptível dos parlamentares brasileiros.

Creemos ser preciso considerar, no entanto, que a charge em análise é também determinada por outro tipo de relação interdiscursiva, que não apenas aquela que possibilita “reinterpretar, de modo perspicaz e irreverente, os inúmeros discursos que nos rodeiam” e/ou os acontecimentos históricos. Trata-se, na verdade, da retomada de uma interdiscursividade cultural. Em outros termos, a charge em questão não está apenas determinada pelos dois acontecimentos históricos que ela ressignifica, mas está, sobretudo, determinada por um imaginário social que torna sempre já em derrisão os políticos brasileiros.

A charge em questão não está apenas dando a ler o Apagão e o caráter corruptível dos políticos brasileiros numa materialidade distinta do editorial de jornal, por exemplo, ela está dando a ler, na verdade, um dos traços da cultura brasileira, sobretudo no tocante ao humor. O que estamos asseverando é que faz parte da cultura brasileira, enquanto um traço que a distingue das demais, tornar em derrisão o outro em textos humorísticos. Desse modo, independentemente dos conteúdos que o texto humorístico veicule, este vem sempre sobredeterminado por essa marca cultural: tornar o outro em derrisão.

Se a nossa hipótese de leitura estiver certa, isto é, se a interdiscursividade cultural sobredetermina os sentidos da charge, sobretudo as charges que dão a ler os atores políticos, ela deverá dar conta também de charges veiculadas em jornais de outros países. Para tanto, tomamos inicialmente uma charge veiculada em 2005 no jornal boliviano *La Razon*. Trata-se de uma charge com temática política semelhante à qual analisamos.



A charge em questão apresenta de um lado um suposto político boliviano num programa televisivo dizendo sobre o seu trabalho no parlamento: “En el Parlamento estamos trabajando arduamente para resolver los problemas” e de outro, uma mulher boliviana, supostamente uma indígena, pelo modo como está vestida, dizendo a uma criança, provavelmente seu filho: “... Para cómo seguir mamando del Estado”. Mulher e filho estão em pé observando a cena. Não é possível assegurar o local onde se encontram, mas podemos inferir que se trata de uma loja de eletrodomésticos, pois há mais de um aparelho de televisão sintonizado no mesmo político discursando. É possível dizer que esta charge, diferentemente das charges veiculadas em jornais brasileiros e que analisamos, não se apresenta a partir de uma dupla perspectiva enunciativa: X disse Y (humoristicamente), porque pensa a partir de uma determinada formação discursiva (seriamente) Z. A charge em questão apresenta X dizendo Z porque pensa a partir de uma de-

terminada formação discursiva Z, ou seja, que os políticos bolivianos são corruptos. Em outros termos, charge boliviana diferentemente da charge brasileira não esconde uma significação figurada para além de um enunciado literal. Ela veicula um sentido literal. Acreditamos que essa forma de dizer da charge boliviana tenha a ver justamente com a maneira de os bolivianos se colocarem diante do mundo. Foge, entretanto, do escopo deste trabalho, uma vez que implicaria uma visada antropológica e histórica, discutir as razões pelas quais os bolivianos seriam mais diretos do que os brasileiros.

Tomemos agora outro texto desta vez, uma charge que foi publicada no jornal espanhol *EL País* em julho de 2009. Trata-se também de uma charge que veicula uma temática política.



Nessa charge, temos de um lado um suposto investigador que diz: “Cuando investigamos a los terroristas nos acusan de torturas... Cuando investigamos a políticos nos acusan de filtraciones” e de um outro, um suposto político, que replica a fala da primeira personagem dizendo: “Un respeto. Nosostros no somos políticos. Somos estadistas!” E de um

outro lado ainda, uma voz anônima, vinda das costas do político, que afirma sarcasticamente: “Con viento fresco del levante”. As imagens apresentadas na charge são apenas a do possível investigador e do político. Não aparece ninguém dizendo este último enunciado, o que é apresentado na charge é apenas o “balão” da conversa, tal qual um balão de histórias em quadrinhos. Diferentemente, das charges brasileiras e boliviana analisadas, a charge dada a circular no jornal espanhol traz uma terceira perspectiva enunciativa: a primeira é a voz do policial; a segunda é voz do político e, a terceira, possivelmente a de um Sujeito Universal. Assim, teríamos X disse Y e não-Y (humoristicamente em forma de réplica) porque pensa a partir de uma determinada formação discursiva (auto-sarcasticamente) Z. Esta última traz para a enunciação um enunciado que faz parte do imaginário social espanhol. Cremos que a forma de dizer da charge espanhola materialize o auto-sarcasmo espanhol⁵ frente às coisas do mundo.

Em suma, analisando as charges veiculadas nos três países: Brasil; Bolívia e Espanha, teríamos as seguintes perspectivas discursivas:

- a) Charge brasileira: “X prefere dizer Y (humoristicamente) porque pensa a partir de uma determinada formação discursiva (seriamente) Z”;
- b) Charge boliviana: “X diz (seriamente) Z porque pensa a partir de uma determinada formação discursiva (seriamente) Z”;
- c) Charge espanhola: “X diz (humoristicamente) Y e (também humoristicamente – em forma de réplica) diz não-Y porque pensa a partir de uma determinada formação discursiva (auto-sarcasticamente) Z.

5 Claude Chabrol (2008) em seu trabalho sobre os atos humorísticos, ao defender que estes são bastante sensíveis às variações culturais, cita o trabalho franco-espanhol realizado sob a direção de Patrick Charaudeau e de José Bastos entre 2000 e 2004, que analisou os mais variados gêneros e subgêneros humorísticos veiculados pelas mídias espanhola e francesa, concluindo por um contraste bastante grande entre os dois *corpora* mobilizados.

Provisórias considerações finais

No nosso entendimento, as hipóteses levantadas sobre as marcas culturais ou da interdiscursividade cultural na sobredeterminação dos sentidos dos textos chárgicos, embora pertinentes, necessitam ainda de uma maior discussão, sobretudo no tocante às charges boliviana e espanhola. Sem uma pesquisa mais aprofundada a partir de uma ampliação do *corpus* mobilizado, contrapondo-o com outros acontecimentos discursivos humorísticos, seria pouco prudente de nossa parte afirmar uma espécie de generalização culturalizante das charges: brasilianismo nas charges brasileiras; bolivianismo nas charges bolivianas e hispanismo nas charges espanholas. Entretanto, tal análise aprofundada com charges de diferentes países foge do escopo da nossa proposta neste artigo, fica aqui o apontamento para um trabalho futuro. A relevância deste apontamento está justamente no fato de que, ao se estudar a charge, se dê importância não apenas ao estudo dos efeitos visados, como a grande maioria dos trabalhos que a mobilizam como objeto tem feito, mas principalmente dos efeitos produzidos e da possibilidade de se redesenhar categorias analíticas da Teoria do Discurso.

No caso das charges brasileiras analisadas, acreditamos que a interdiscursividade cultural - a derrisão do outro (político) presente no imaginário social brasileiro, historicamente construído - possui um peso decisivo na sobredeterminação dos acontecimentos discursivos dados a ler. Acreditamos que nas charges analisadas a marca cultural possui uma força grande na transformação dos atores políticos em alvo de comentários e questionamentos humorísticos, misturando as esferas pública e privada. A marca cultural se constitui em mais um dos dispositivos que regem os múltiplos planos do discurso, isto é, a sua semântica global⁶. Trata-se, na verdade, de uma espécie de pré-discursivo sobredetermi-

6 O caráter global desta semântica se manifesta pelo fato de que ela restringe simultaneamente o conjunto dos planos discursivos: tanto o vocabulário quanto os temas tratados, intertextualidade ou as instâncias de enunciação. Trata-se, com isso, de libertar-nos de uma problemática do signo, ou mesmo da sentença, para apreender o dinamismo da significância que domina toda a discursividade: o enunciado, mas também a enunciação, e mesmo além dela, como se verá. Recusamos a ideia de que há, no interior do funcionamento discursivo, um lugar onde sua especificidade se condensaria de maneira exclusiva ou mesmo privilegiada (as palavras, as frases, os arranjos argumentativos, etc). O que leva a recolocar o princípio de sua disseminação sobre os múltiplos planos do discurso. Não há mais, então, lugar para uma oposição entre superfície e profundidade, que reservaria apenas para a profundidade o domínio de validade das restrições semânticas (MAINGUENEAU, 2005, p. 22-3)

nando o discursivo. Ademais, do ponto de vista da Teoria do Discurso, é possível postular que os exemplos arrolados nos mostram que, ao pensarmos as relações mantidas entre o acontecimento e a memória e entre o acontecimento e o esquecimento, devemos levar em consideração não só os saberes discursivos dos sujeitos – o que sujeito lembra e o que ele esquece – mas também outros tipos de saberes tais como a interdiscursividade cultural.

Referências

CHABROL, C. Humor e mídia: definições, gênero e cultura. In: Gláucia Muniz Proença Lara, Ida Lúcia Machado, Wander Emediato (orgs). **Análises do Discurso hoje**, volume 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MALDIDIÉ, D. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MAINGUÉNEAU, D. **Gênese dos Discursos**. Curitiba, PR: Criar Edições, 2005.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. e HAK, T. (org.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RIANI, C. **Linguagem & cartum... tá rindo do quê? Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba**. Piracicaba: Editora da UNIMEP, 2002.

Recebido em 27/09/2009

Aceito em 18/10/2009